

O SINOPEANO COMO FERRAMENTA DE COLONIZAÇÃO: HISTÓRIA, IMAGINÁRIO E REPRESENTAÇÃO SOBRE A FUNDAÇÃO DE SINOP (MT) NO/PELO DISCURSO JORNALÍSTICO (1980-1983)

THE SINOPEANO AS A COLONIZATION TOOL: HISTORY, IMAGINARY AND REPRESENTATION ABOUT THE FOUNDATION OF SINOP (MT) IN/BY JOURNALISTIC DISCOURSE (1980-1983)

Leandro José do Nascimento¹
Fernando Zolin-Vesz²

Resumo: Este artigo observa o funcionamento discursivo do jornal O Sinopeano entre os anos de 1980 e 1983, refletindo sobre os efeitos de sentidos instaurados na/pela discursividade jornalística em relação à fundação de Sinop, em Mato Grosso. A análise é amparada na teoria do discurso de Michel Foucault e aponta para a construção de um imaginário sobre Sinop e o projeto privado de colonização como centrais ao movimento pró-atração de migrantes instaurado na década de 1970.

Palavras-chave: Jornal O Sinopeano; Imaginário sobre Sinop; Efeitos de Sentidos.

Abstract: This article observes the discursive functioning of the newspaper O Sinopeano between the years 1980 and 1983, reflecting on the effects of meanings established in/by journalistic discourse in relation of the foundation of Sinop, in Mato Grosso. The analysis is supported by Michel Foucault's theory of discourse and points to the construction of an imaginary about Sinop and the private colonization project as central to the movement to attract migrants established in the 1970s.

Keywords: Newspaper O Sinopeano; Imaginary about Sinop; Effects of meanings

Introdução

A história do movimento migratório que se acentuou no Brasil a partir dos anos de 1970 e o deslocamento do efetivo humano em direção às terras da Amazônia Legal encontrou

¹ Mestre em Letras pela Universidade do Estado de Mato Grosso (Unemat), *Campus* de Sinop, e doutorando em Estudos de Linguagem pela Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT), *Campus* Cuiabá. Membro do Grupo de Pesquisa Linguagens e Descolonialidades (GPLeD). E-mail: lj.leandro@uol.com.br.

² Doutor em Letras e Linguística pela Universidade Federal de Goiás (UFG). Professor do Departamento de Letras e do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagem da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT), *Campus* Cuiabá. Lidera o Grupo de Pesquisa Linguagens e Descolonialidades (GPLeD). E-mail: fernando_vesz@hotmail.com.

nas mídias³ diversas uma possibilidade não apenas de informar, mas de construir representações acerca das cidades, dos espaços a serem fundados.

Ao imbricar forma e conteúdo distintos, o acontecimento da colonização e a instituição de projetos de ocupação das áreas pouco ou nada exploradas economicamente passaram a figurar como elementos centrais em práticas discursivas idealizadas por empresas, Estado, a imprensa, entre outras apoiadas no/pelo discurso jornalístico.

Na área de imprensa, por exemplo, inúmeros foram os trabalhos que aludiram ao movimento migratório e a busca pelo contingente humano para se deslocar de uma área para outra. O discurso do progresso estampou capas de jornais, revistas, publicações especializadas e demais com o propósito de dar publicidade às ações e informar sobre o movimento que se passava no interior do país. Souza⁴, em uma referência aos espaços de registros constituídos pelas mídias, lembra que serviam para “exaltar a ‘bravura, o bandeirantismo, o progresso, a disciplina, a obediência’”⁵, servindo-se como instrumentos nos quais se verificavam os discursos oficiais.

Como exemplo dessa estratégia está a criação de jornais pelas empresas colonizadoras a partir dos quais se enfatizavam o “potencial e o ‘empreendedorismo’ do povo ‘valente, forte e corajoso’”⁶, em uma linha editorial preocupada em divulgar os projetos políticos e administrativos pela ótica da bravura, do progresso e do bandeirantismo. No contexto da ocupação da Amazônia brasileira, em especial a Norte mato-grossense, chama a atenção o papel desempenhado pelo jornal O Sinopeano, de propriedade da Colonizadora Sociedade Imobiliária Noroeste do Paraná (Sinop), a serviço da colonização.

Seu discurso tornou-se fundamental para compreender as representações construídas em torno deste projeto implantado em mais de 600 mil hectares de terras no Norte do Estado, às margens da rodovia federal BR-163, no qual foram criadas as cidades de Vera (1972), Sinop (1974), Santa Carmem (1974) e Cláudia (1978), conforme elencam Santos⁷, Moreno⁸ e

³ Adotamos a definição dicionarizada de mídia enquanto “todo suporte de difusão da informação que constitui um meio intermediário de expressão capaz de transmitir mensagens”, segundo o dicionário online Houaiss.

⁴ SOUZA, Edison Antônio De. O poder na fronteira: hegemonia, conflitos e cultura no Norte de Mato Grosso. 2008. 256 f. Tese (Doutorado em História)–Universidade Federal Fluminense, Niterói, Rio de Janeiro, 2008.

⁵ SOUZA, 2008, p. 17.

⁶ SOUZA, 2008, p. 17

⁷ SANTOS, Luiz Erardi F. *Raízes da História de Sinop*. Sinop: Midiograf, 2011.

⁸ MORENO, Gislaene. A colonização no século XX. In: MORENO, Gislaene; HIGA, Tereza Cristina Souza (Orgs.). *Geografia de Mato Grosso: território, sociedade, ambiente*. Cuiabá: Entrelinhas, 2005b. cap. 4, p. 52-71.

Teixeira⁹. Nascimento¹⁰, ao tratar da dinâmica realizada pela publicação jornalística, lembra que ela “visava noticiar a recém-criada Sinop com vistas a novos investimentos, pois o que prevalecia era a divulgação comercial da cidade e a constante busca por migrantes”¹¹.

Conforme Pitombo-Oliveira et al¹²., o papel de O Sinopeano era “divulgar notícias do mundo em Sinop tanto quanto divulgar notícias de Sinop para o mundo nestes anos iniciais, o que era uma necessidade de socialização e de incorporação”. Tratava-se de “o principal/único instrumento tecnológico de produção e circulação de notícias locais”¹³ sobre Sinop e os feitos empresariais. Esses trabalhos procuravam elencar “o êxito da iniciativa em consonância com o chamamento do Governo Federal para se fazer ocupar as áreas até então ausentes de exploração econômica”¹⁴ e atrair o contingente necessário para o sucesso do projeto. Os textos de O Sinopeano, como apontam Nascimento e Tomé¹⁵, guiam o leitor em uma

caminhada histórica que busca retratar a busca por novas alternativas econômicas para fixar o colono na recém-criada cidade; a rápida velocidade de crescimento do município; a abertura junto aos governos Federal e de outros países; conquistas da área de saúde; bem como retratar a visão local quanto ao passado, presente e futuro da nova cidade¹⁶.

Considerando-se O Sinopeano como uma mídia de registro de uma história e que auxilia na compreensão de determinado acontecimento situado no tempo e espaço, aqui, no caso, a fundação de Sinop, é que o presente trabalho é proposto. Em nossa discussão abordamos uma perspectiva histórico-discursiva da construção da imagem de Sinop como

⁹ TEIXEIRA, Luciana. *A colonização do Norte de Mato Grosso: o exemplo da Gleba Celeste*. 2006. 117 f. Dissertação (Mestrado em Geografia)–Programa de Pós-graduação em Geografia, Universidade Estadual Paulista (UNESP), Presidente Prudente, São Paulo, 2006.

¹⁰ NASCIMENTO, Leandro José do. *(Re)ler o impresso Jornal Hoje: o discurso da construção de uma terra de progresso e oportunidade em Sinop-Mato Grosso*. 2018. 255 f. Dissertação (Mestrado em Letras)–Programa de Pós-graduação em Letras, Universidade do Estado de Mato Grosso, Sinop, Mato Grosso, 2018.

¹¹NASCIMENTO, 2018, p. 102.

¹² PITOMBO-OLIVEIRA, Tânia; STRAUB, Sandra Luzia Wrobel; TOMÉ, Cristinne Leus.; SODRÉ, Kênya Karoline Ribeiro. Discurso e identidade: o papel do jornal o sinopeano na construção de um imaginário do município de Sinop e da posição sujeito sinopense. In: V SEMINÁRIO DE INFORMÁTICA NA EDUC@ÇÃO, 2013, Sinop. *Anais eletrônicos...Sinop*: Unemat, 2013. p. 01-12. Disponível em: < <http://sinop.unemat.br/v-semi-info-edu/anais-do-evento/#comments>>. Acesso em: 31 maio. 2020.

¹³ PITOMBO-OLIVEIRA et al., 2013, p. 01.

¹⁴ NASCIMENTO, 2018, p. 88.

¹⁵ NASCIMENTO, Leandro José do; TOMÉ, Cristinne Leus. A construção da imagem do sinopense como um sujeito de progresso nas páginas de “O Sinopeano” número 15, de 1980. In: XIV COLÓQUIO NACIONAL DE ESTUDOS LINGÜÍSTICOS E LITERÁRIOS, 2016, Sinop. *Anais eletrônicos...Sinop*: Unemat, 2016. p. 23-32. Disponível em: <http://www.conaell.com.br/fotos_downloads/39.pdf>. Acesso em: 26 maio. 2020.

¹⁶ NASCIMENTO; TOMÉ, 2016, p. 28.

uma terra de progresso, observando-se o funcionamento discursivo do jornal, refletindo sobre os jogos de verdade que se instauram a partir da discursividade jornalística.

A estrutura do trabalho está dividida em três partes. A primeira discute a prática jornalística como agente de registro da história e a capacidade de atuar na construção de uma memória – neste caso a discursiva e que se refere sempre a um discurso já dito a partir de outro discurso-. Aqui situamos esse discurso enquanto produtor de sentidos.

A segunda dedica-se ao O Sinopeano, contextualizando sua atividade e funções em prol da divulgação de Sinop. Valendo-se do entendimento de Nascimento¹⁷ não se considerará O Sinopeano como uma produção da atividade de imprensa, porque a própria constituição dessa área em Sinop se deu anos após o surgimento daquela publicação, mas um produto de “comunicação encomendada e gerida pela empresa privada que fundou Sinop, isto é, tratava-se de um jornal-empresa, uma noção abarcada pelo conceito de House Organ”¹⁸.

Neste sentido, mais que categorizar “ser/pertencer ou à imprensa de Sinop”, optamos por tratar de O Sinopeano pela configuração de um jornal-empresa, um folhetim de registro de uma história, não a cronológica, mas aquela já afetada pelo ideológico, pela ideologia desenvolvimentista, pelas imagens do progresso e poderio econômico da região, do projeto Gleba Celeste.

Para observar como essa mídia atua na construção de sentidos sobre a imagem de Sinop observa-se um total de 09 edições do jornal, sendo elas: número 15, de 1980; números 22, 24, 25, 26 e 27 de 1981; números 47, 49 e 52 de 1983. O recorte temporal e a seleção de materiais justificam-se pelo fato de serem essas as únicas edições físicas ainda encontradas e disponíveis no acervo histórico da Colonizadora Sinop, construindo-se em um importante banco de dados sobre a história de Sinop.

Na terceira e última seção apresenta-se uma análise dos textos não pautados em sua materialidade linguística, isto é, os elementos léxicos, mas discursivos/sentidos, de forma a compreender como O Sinopeano mobiliza a memória, constrói história e historicidade.

A atividade jornalística no registro da história

¹⁷ NASCIMENTO, Leandro José do. *(Re)ler o impresso Jornal Hoje: o discurso da construção de uma terra de progresso e oportunidade em Sinop-Mato Grosso*. 2018. 255 f. Dissertação (Mestrado em Letras)–Programa de Pós-graduação em Letras, Universidade do Estado de Mato Grosso, Sinop, Mato Grosso, 2018.

¹⁸ NASCIMENTO, 2018, 107.

Mais que transmitir fatos ou acontecimentos, a prática do jornalismo constituiu-se como um agente fundamental capaz de situar o público em uma determinada realidade histórica ideológica inscrita no tempo e espaço distintos. Atua na construção de uma memória sobre episódios distintos e representados em escritas do gênero notícia, editorial, entre outros.

Na perspectiva dos jornais, na qual se inserem os textos jornalísticos, são esses espaços em questão não produtos ou indivíduos isolados, mas obras coletivas que agregam projetos coletivos, ao mesmo tempo pessoas, valores e também crenças que são difundidas por meio da palavra escrita¹⁹.

A partir de contextos que abrangem, da escolha do que será tratado, das intenções e expectativas, os textos fornecem pistas “a respeito da leitura de passado e de futuro compartilhada por seus propugnadores”²⁰. Em nossa perspectiva, situamos esses textos como inseridos à prática jornalística.

O jornalismo, independentemente de qualquer definição acadêmica, é uma fascinante batalha pela conquista das mentes e corações de seus alvos: leitores, telespectadores ou ouvintes. Uma batalha geralmente sutil e que usa uma arma de aparência extremamente inofensiva: a palavra acrescida, no caso da televisão, de imagens²¹.

Não é de hoje que a atividade jornalística exerce importante papel no cotidiano social, configurando-se como fonte capaz de operar na construção e registro de diferentes aspectos do mundo social. Dito de outra maneira, sua capacidade está atrelada à possibilidade de construir realidades “mediante o emprego de discursos (re)criados e (re)produzidos e, assim, mobilizar uma rede de sentidos a partir do inter-relacionamento entre língua, o sujeito e a história”²².

Nesta perspectiva, é a partir da seleção dos acontecimentos que deverão ser reproduzidos que a atividade jornalística exerce seu papel socialmente legitimado e no qual vão se produzir e configurar as construções da realidade publicamente relevantes²³. As práticas discursivas, por sua vez, vão escrever a história de um ou mais lugares, a exemplo da cidade de Sinop, em meio à Gleba Celeste, portando-se como espaços de sentidos.

¹⁹ DE LUCA, Tânia Regina. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla B. (Org.). *Fontes Históricas*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2008. p. 111-153.

²⁰ DE LUCA, 2008, p. 140.

²¹ ROSSI, Clóvis. *O que é jornalismo*. São Paulo: Brasiliense, 1980. p. 12.

²² NASCIMENTO, 2018, p. 114.

²³ ALSINA, Miquel Rodrigo. *La construcción de la noticia*. Barcelona: Paidós, 2005.

Ao tratar o jornalismo como um lugar de circulação de sentidos, Schwaab²⁴ lembra que “a partir das escolhas do que é dito e do que é silenciado, de quem participa ativamente na definição deste conhecimento e de quem não está presente”²⁵ situa-se um dos níveis para se compreender o porquê de ser esta atividade um local de significação. Isso pressupõe um alinhamento com a tese foucaultiana²⁶ que nos explica o porquê de determinados enunciados surgirem, sendo exatamente eles e não outros em seus lugares, face a um determinado contexto de produção. Na tessitura de Michel Foucault, um enunciado corresponde a uma função para além das unidades linguísticas que faz com que lhe atribuamos sentido ou valor de verdade.

Gregolin²⁷ aponta que

Há sempre batalhas discursivas movendo a construção dos sentidos na sociedade. Motivo de disputa, signo de poder, a circulação dos enunciados é controlada de forma a dominar a proliferação dos discursos. Por isso, aquilo que é dito tem de, necessariamente, passar por procedimentos de controle, de interdição, de segregação dos conteúdos. Por serem produtos de práticas social e historicamente determinadas, as maneiras de se utilizarem as possibilidades do discurso são reguladas, regulamentadas: não se pode, absolutamente, falar de uma coisa qualquer num lugar e tempo qualquer. Há, sempre, que se submeter à ordem do discurso da produção de sentidos²⁸.

No contexto de O Sinopeano, os enunciados tomam Sinop como objeto e vão lhe atribuir sentidos, muitas vezes direcionados, por meio dos quais a recém-criada cidade parece despontar em termos de progresso e desenvolvimento à frente de seu tempo. Ou seja, Sinop resultado exitoso de um processo colonizatório e ocupação das terras da faixa do Norte de Mato Grosso.

Desta forma, constrói-se memória a partir de uma rede de discursos como o econômico, o político, o social, e que passa a ser acionada à medida que se pretende tratar

²⁴ SCHWAAB, Reges. Para ler de perto o jornalismo: uma abordagem por meio de dispositivos da análise do discurso. *Em Questão*, Porto Alegre, v. 13, n. 1, p. 11-23, jan-jun 2007. Disponível em: <<http://www.seer.ufrgs.br/EmQuestao/article/view/2002>>. Acesso em: 26 maio. 2020.

²⁵ SCHWAAB, 2007, p. 14.

²⁶ FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber*. Trad. Luiz Felipe Baeta Neves. 7. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

²⁷ GREGOLIN, Maria do Rosário Valencise. *A mídia e a espetacularização da cultura*. In GREGOLIN, Maria do Rosário (Org.). *Discurso e mídia: a cultura do espetáculo*. São Carlos: Claraluz, 2003. p. 09-20.

²⁸ GREGOLIN, 2003, p. 12.

daquela iniciativa. A capacidade de resgate e acionamento é explicado por Mariani²⁹ da seguinte maneira: o discurso jornalístico irá tomar “parte no processo histórico de seleção dos acontecimentos que serão recordados no futuro. E mais ainda: uma vez que ao selecionar está engendrando e fixando sentido para estes acontecimentos”³⁰.

Ao simular os acontecimentos do presente em curso, não se desprende ou se esquiva do passado e os seus signos, pois esses aferem sentidos. De igual maneira, a seleção dos fatos a serem recordados constrói sentidos e opera na formação de um imaginário e a representação deste espaço.

O imaginário sobre a Gleba Celeste e as ferramentas de atração: O Sinopeano

A instituição de projetos de colonização situados sob o eixo da BR-163 no Norte de Mato Grosso liga-se a um período recente da história nacional: a década de 1970 e o fenômeno da ocupação das terras da Amazônia brasileira para fins de exploração econômica e o fluxo migratório. A tal contexto vincula-se a fundação da Gleba Celeste, um empreendimento da Colonizadora Sinop, dos empresários Enio Pipino (1917-1995) e João Pedro Moreira de Carvalho (1910-1995), implementado em 645 mil hectares de terras.

Do projeto emergiram quatro núcleos urbanos, posteriormente elevados à condição de cidades, sendo elas Vera (fundada em 1972), Sinop (1974), Santa Carmem (1974) e Cláudia (1978). Dentre todas, “Sinop adquiriu a primazia entre os núcleos urbanos, passando a concentrar as atividades comerciais, industriais e de serviços, e, por suas funções, a comandar a vida de relações dentro da área”³¹.

A maior parte dos migrantes que chegou até a Gleba Celeste era oriunda da região Sul, predominantemente Paraná e Rio Grande do Sul. Em ambas as localidades a campanha publicitária acerca do empreendimento imobiliário buscou captar a população para a área, mediante implementação de estratégias diversas. Mais que divulgar a então desconhecida iniciativa particular de colonização, o discurso de mobilização possuía como objetivo convencer migrantes a se deslocarem para outras regiões.

²⁹ MARIANI, Bethania Sampaio Corrêa. Os primórdios da imprensa no Brasil: de como o discurso jornalístico constrói memória. In: ORLANDI, Eni (Org.). *Discurso Fundador: a formação do país e a construção da identidade nacional*. 3. ed. Campinas: Pontes, 2003. p. 31-42.

³⁰ MARIANI, 2003, p. 33.

³¹ TEIXEIRA, 2006, p. 45.

Para propagar a informação e difundir a disponibilidade de terras na Amazônia Norte Mato-grossense, as estratégias de abordagem do futuro morador também incluíam a promoção da Gleba Celeste, especialmente o núcleo urbano de Sinop, junto às rádios, jornais e as reportagens pela imprensa. Enio Pipino³², proprietário da Colonizadora Sinop, ao descrever a ação para fomentar o fluxo migratório, falava em uma agenda de persuasão baseada na oferta de terras e a prestação de informações “para que a criatura passe a acreditar na Amazônia”.

A divulgação do projeto Gleba Celeste não se restringiu, apenas, ao Sul, mas abarcou Estados como os do Nordeste e do Sudeste, colocando em voga um espaço apto ao recebimento dos migrantes. À medida que a campanha se intensificava, asseverava-se o povoamento da Gleba Celeste, hoje Sinop.

Articulando um discurso que tornava o local uma terra de esperança e na qual encontravam-se as soluções aos colonos que enfrentavam dificuldades em seus Estados de origem e precisavam lançar-se em uma aventura rumo às terras desconhecidas, como as da Amazônia brasileira, o movimento migratório passou a ser considerado, segundo premissa da empresa particular, um projeto na vanguarda econômica àqueles que apostassem na iniciativa.

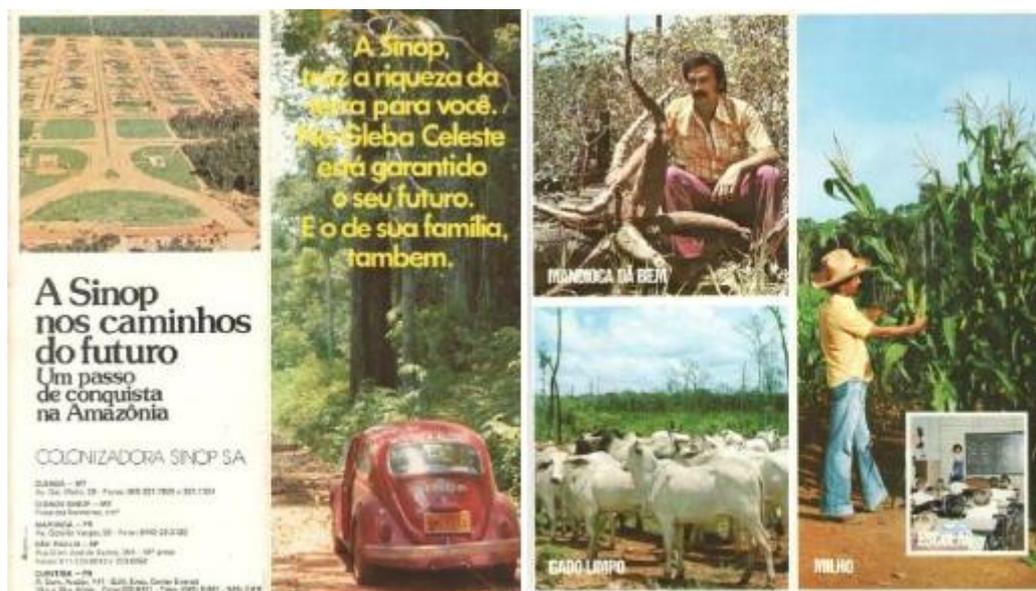
No exemplo a seguir, extraído de uma publicidade oficial da Colonizadora Sinop³³, é possível identificar as estratégias de promoção do espaço norte-mato-grossense ainda nas décadas de 1970 e 1980, quando se almejava a atração do então morador da região Sul.

“A Sinop, traz a riqueza da terra para você. Na Gleba Celeste está garantido o seu futuro. E o de sua família, também” e “A Sinop nos caminhos do futuro, um passo de conquista na Amazônia” emergem como um discurso de atração, a partir do enaltecimento de qualidades como a terra.

Figura 01: Propaganda de promoção da Gleba Celeste/Sinop

³² PIPINO, Enio. Enio Pipino: entrevista. [01 julh. 1982] Entrevistadores: José Carlos Pereira de Freitas, Bacilla Neto. São Paulo, SP, 1982. Gravação digital de áudio (53:13). Entrevista concedida ao Projeto Memória da Amazônia do Museu da Imagem e do Som.

³³ Reproduzida em TOMÉ, CRISTINE LEUS; NASCIMENTO, Leandro José do; CAMERA FILHO, Milton Mauad de; BRITO, Aureir Alves. A “mãezona” de todos: a prática discursiva sobre dona Nilza de Oliveira Pipino na Gleba Celeste, na década de 1970. In: 25º SEMIEDU - EDUCAÇÃO, DIVERSIDADES CULTURAIS, SUJEITOS E SABERES, 2017, Cuiabá. *Anais...Cuiabá*: UFMT, 2017. p. 60-76.



Fonte: Colonizadora Sinop, Acervo Particular s. d.

Conforme Rohden³⁴, para atrair o maior número de pessoas à localidade, as propagandas eram ambiciosas, expressando sentido de “promessa de terra fértil, de um clima bom e sem geadas, promessa de um lugar ideal onde o colono sulista poderia sonhar em um dia tornar-se grande fazendeiro e seus filhos teriam um futuro melhor que aquele que os pais tiveram no passado”³⁵. Deparava-se com a propaganda da Gleba Celeste como uma terra promissora e composta de espaços férteis para se trabalhar e sobreviver.

No contexto da fundação da Gleba Celeste, com ênfase no núcleo de Sinop, O Sinopeano também serviu aos interesses da Colonizadora Sinop, assumindo a missão de tornar conhecidas as ações realizadas dentro da área de ocupação e o que naquele projeto se realizava com vistas à atração do migrante e os investimentos econômicos realizados.

De características singulares, a começar por sua identidade visual contemplada desde o papel de tonalidade verde, textos na mesma cor, até a logomarca da Colonizadora Sinop situada na área superior esquerda, O Sinopeano era a voz da empresa nos anos da pós-fundação da Gleba Celeste. Tratou-se de uma publicação de natureza impressa editada em

³⁴ ROHDEN, Josiane Brolo. *A reinvenção da escola: história, memórias e práticas educativas no período colonizatório de Sinop - MT (1983-1979)*. Dissertação (Mestrado em Educação). UFMT: Universidade Federal de Mato Grosso, Instituto de Educação, Programa de Pós-graduação em Educação. 2012.

³⁵ ROHDEN, 2012, p. 178.

Curitiba (PR) pelo jornalista paranaense Nacim Bacilla Neto e que circulou entre os anos de 1979 e 1985³⁶.

Sua veiculação era mensal, “fazendo a cobertura de visitas de autoridades e empresários do Brasil e do exterior, que, na época, frequentemente eram convidados pelo colonizador Enio Pipino visando com isso, trazer investimentos oficiais e da iniciativa particular”³⁷ para a Gleba Celeste. “Para se atingir os objetivos, a publicação priorizava informações que colocassem nos holofotes os aspectos positivos do projeto de colonização”³⁸.

Assim, operava-se em prol da construção de um imaginário do município de Sinop condizente à imagem que atendia aos interesses do grupo empresarial. Logo, as práticas discursivas pressupunham a produção de sentidos que possuem efeito de verdade³⁹. Fischer⁴⁰ faz um apontamento convergente à tal questão:

Ora, a mídia, ao mesmo tempo em que é um lugar de onde várias instituições e sujeitos falam – como veículo de divulgação e circulação dos discursos considerados “verdadeiros” em nossa sociedade –, também se impõe como criadora de um discurso próprio. [...] Poderíamos dizer que hoje praticamente todos os discursos sofrem uma mediação ou um reprocessamento através dos meios de comunicação. [...] Um dos campos que mais explicitamente expõe a luta entre discursos é o da publicidade; e é nele que se torna bem visível a importância da multiplicação tanto de sujeitos quanto de discursos: na busca permanente da adesão de novos sujeitos, o discurso publicitário reprocessa enunciados de fontes variadas; porém, como os indivíduos podem ser sujeitos de vários discursos, produz-se a fragilidade de cada um desses campos, considerados isoladamente⁴¹.

O discurso, na propositura de Michel Foucault, é compreendido como prática social, construindo sentidos que, em seus efeitos, parecem “reais” – e, dessa maneira, por parecerem “reais”, têm efeito de verdade⁴². Para o filósofo, o discurso “é o conjunto de enunciados que

³⁶ SANTOS, Luiz Erardi F. *Raízes da História de Sinop*. Sinop: Midiograf, 2011.

³⁷ SANTOS, 2011, p. 154.

³⁸ NASCIMENTO, 2018, p. 102.

³⁹ FOUCAULT, Michel. Verdade e poder. In: FOUCAULT, Michel. *Microfísica do Poder*. São Paulo: Edições Graal, 2018. p. 35-54.

⁴⁰ FISCHER, Rosa Maria Bueno. *Adolescência em discurso: mídia e produção de subjetividade*. 1996. 297f. Tese (Doutorado em Educação)–Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1996.

⁴¹ FISCHER, 1996, p. 114.

⁴² FOUCAULT, Michel. Verdade e poder. In: FOUCAULT, Michel. *Microfísica do Poder*. São Paulo: Edições Graal, 2018.

se apoia em um mesmo sistema de formação”⁴³, produzido em decorrência das relações de poder. Na propositura deste autor, o discurso pressupõe um conjunto de sequências de signos –que podem ser uma frase, uma proposição ou um ato de linguagem –, enquanto enunciados, que, em determinadas condições, possuem uma existência específica no jogo enunciativo.

A verdade descrita por Michel Foucault não corresponde ao “conjunto das coisas verdadeiras a descobrir ou a fazer aceitar”, tal qual um molde/estrutura rígida para o termo em si. Ao contrário, um “conjunto das regras segundo as quais se distingue o verdadeiro do falso e se atribui ao verdadeiro efeitos específicos de poder”⁴⁴ que se configuram pelo jogo enunciativo. Michel Foucault preferia conceber a verdade como um estatuto de verdade que desempenha papéis previamente definidos: político, econômico, social, entre outros. Tais efeitos de verdade se originam das relações de poder.

O filósofo aponta que determinadas sociedades possuem dados regimes de verdade e “os tipos de discurso que ela acolhe e faz funcionar como verdadeiros”⁴⁵ são aqueles constituídos historicamente e em condições determinadas. O discurso constrói “efeitos de poder”.

O discurso que se faz presente em O Sinopeano busca legitimar conhecimentos e justificar ações, a começar pela criação de Sinop e sua referência enquanto peça central aos planos da Colonizadora Sinop. Desta maneira, atua sobre a edificação de uma imagem sobre a cidade – não imagem de uma realidade física-, mas no plano discursivo que produz sentidos-.

Na seção a seguir observa-se o conjunto de nove edições de O Sinopeano, trabalhando não com a totalidade das reportagens, mas enunciados que buscam contribuir com a compreensão lançada: como o Sinopeano produz sentidos sobre Sinop e, ao mesmo tempo, opera na construção de uma imagem da cidade que se pretende fazer representada pelo discurso jornalístico.

A localização das edições se deu após pesquisa realizada junto ao acervo histórico da própria Colonizadora Sinop. Não é possível mensurar o número de publicações que circularam durante todo o período de atividade do folhetim. No caso da atual pesquisa, as edições em questão possuem espaçamento cronológico de tempo, perfazendo 1980 (uma edição encontrada), 1981 (cinco arquivos) e 1983 (outros três).

⁴³ FOUCAULT, 2008, p. 122.

⁴⁴ FOUCAULT, 2018, p. 53.

⁴⁵ FOUCAULT, 2018, p. 52.

De forma a atestar a materialidade dessas edições realizamos a reprodução das primeiras páginas de cada uma das publicações no decorrer do trabalho. Assim, é possível situar-se em relação ao documento que se fala, que se toma por base.

1980-1983: imagem e representação sobre Sinop

O Modelo Sinop de Colonização destacado nas páginas de O Sinopeano convergia em torno de quatro elementos básicos aos quais se propunha o projeto de colonização na área: a produção de alimentos (1^a), a produção de energia carburante (2^a), a fixação do homem na Região (3^a) e a distribuição da riqueza (4^a). Juntos, os quatro eixos operavam como uma alavanca ao desenvolvimento econômico.

Na Edição nº 15, de outubro de 1980, destacava-se “A Rapidez do Crescimento da Sinop”, com sentidos ligados ao desenvolvimento socioeconômico da cidade fundada em 1974. A presença de enunciados como “em seis anos, a cidade tornou-se ‘cabeça’ [...]”, “a velocidade dos acontecimentos na SINOP é surpreendente [...]”, “O único projeto de colonização do país que terá energia”, “as perspectivas são [...] muito mais animadoras [...]”, adquirem um estatuto de verdade que expressam o ideal em torno do projeto idealizado pela Colonizadora Sinop e a construção de uma imagem na qual o crescimento é alcançado de forma veloz.

A velocidade dos acontecimentos na SINOP é surpreendente. Conta, portanto, com 6 anos de idade e uma população cidadina que vem crescendo para atingir, em breve, o número de 15 mil pessoas. No dia 17 de Dezembro do ano passado, passou a ser “cabeça” do Município SINOP, marchando, rapidamente, para constituir-se na mais importante do Norte do Mato Grosso, graças ao seu impressionante desenvolvimento⁴⁶.

A rapidez do crescimento que se colocava em destaque marca a temporalidade no jornal da empresa colonizadora. Na prática discursiva de O Sinopeano, afere-se às mudanças na cidade, às conseqüentes transformações que resultariam na oferta de melhores condições de vida para a população local. Com apenas seis anos de existência, Sinop vivenciava um arrojado ritmo de crescimento, assumindo a posição de destaque em relação aos municípios da região.

⁴⁶ O SINOPEANO, n. 15, out. 1980. p. 01.

A grandiosidade das manchetes se encontra marcada pelas formulações destacadas nos títulos e subtítulos das reportagens e carregam em suas formulações propostas de um dinamismo necessário para estimular, convencer e injetar um ritmo desejado de desenvolvimento e otimismo que movimentasse a população na construção de um imaginário do município e região⁴⁷.

Figura 02: Capa O Sinopeano, n. 15.

Figura 03: Capa O Sinopeano, n. 22.



Fonte: O SINOPEANO, n. 15, out. 1980.

Fonte: O SINOPEANO, n. 22, jun. 1981.

Em sua edição número 15, enunciados como “[...] marchando, rapidamente, para constituir-se na mais importante do Norte do Mato Grosso, graças ao seu impressionante desenvolvimento[...]⁴⁸, “SINOP passou para uma faixa de 17.º lugar entre as unidades arrecadoras do Estado, deixando para trás nada menos do que 41 localidades [...]”⁴⁹, “[...] Somos o único Projeto de Colonização, em todo o Brasil, que está terminando a construção de um complexo industrial que proporcionará nada menos do que 150 mil litros de álcool por

⁴⁷ Pitombo-Oliveira et al., 2013, p. 08.

⁴⁸ O SINOPEANO, n. 15, out. 1980. p. 01.

⁴⁹ O SINOPEANO, n. 15, out. 1980. p. 01.

dia, durante 330/dias/ano/industrial. [...]”⁵⁰, situam-se em meio ao texto “A Rapidez do Crescimento”, remontando sentidos de uma relação econômico-comercial dentro da área.

A cidade em voga compreende uma estrutura “planejada, desde cedo, para se tornar polo da macrorregião onde estava inserida, agindo em consonância com os planos empresariais traçados pela Colonizadora SINOP S/A”⁵¹. Por meio de suas publicações, O Sinopeano construiu uma realidade sócio-discursiva em relação à Sinop. De um lado estava a “inauguração do município, a criação da cidade planejada dentro do ideal da colonização e que deveria cumprir seus objetivos principais; do outro, o futuro é acenado com a perspectiva do que a cidade viria a se tornar nos próximos anos”⁵².

Em sua edição número 22, datada de 1981, O Sinopeano dedica suas páginas à reprodução de matéria jornalística produzida pelo Jornal da Tarde, do grupo O Estado de São Paulo, denominada “A Fronteira, onde o tempo não conta”. O material constituía-se no relato e impressões de um repórter daquela empresa acerca do projeto de Sinop e suas nuances. “Algumas histórias que falam do sucesso da gente que está na SINOP”⁵³ estampavam as páginas do periódico paulista e, de igual maneira, tratava de apresentar ao restante do país o empreendimento criado na Amazônia Legal mato-grossense onde se situava “o maior complexo alcooleiro do Brasil processando mandioca”⁵⁴. Ao enunciar o porquê da reprodução da referida reportagem, O Sinopeano assumia seu papel de porta-voz do projeto de colonização,

Respalda o nosso entusiasmo pelo Município, pelas potencialidades econômicas que tem, pelas perspectivas de desenvolvimento que todos os sinopeanos possuem nessa terra nova. Daí nossa preocupação de veicular, totalmente, essa reportagem, para que nossos companheiros dela tenham ciência e, principalmente, todos os que, na SINOP, estão engajados na grande luta pelo progresso da Amazônia⁵⁵.

Naquele junho de 1981, a reportagem jornalística reproduzida em O Sinopeano elencava também histórias e experiências vividas pelos primeiros moradores que à localidade

⁵⁰ O SINOPEANO, n. 15, out. 1980. p. 01.

⁵¹ NASCIMENTO, 2018, p. 105.

⁵² NASCIMENTO, 2018, p. 105.

⁵³ O SINOPEANO, n. 22, jun. 1981, p. 01.

⁵⁴ O SINOPEANO, n. 22, jun. 1981, p. 01.

⁵⁵ O SINOPEANO, n. 22, jun. 1981, p. 04.

chegaram. “E sempre tem um descampado à frente, uma mata, a floresta”⁵⁶ se mostrava como o registro do campo de visão daqueles que chegavam à cidade. Contudo, o cenário de floresta logo cederia espaço para o surgimento de empresas diversas, casas, moradias e demais estruturas que passariam a complementar a atividade econômica na Gleba Celeste.

A construção da imagem de Sinop enquanto uma terra arrojada reafirmava-se. “Sinop é uma cidade jovem, mas nervosa, com sede de riqueza, com serrarias, caminhos repletos de toras, homens fortes e ambiciosos, e o cenário de fronteira de que falei. Mas a fronteira como sinônimo limite: lugar distante que se busca para descobrir a vida”⁵⁷. No que tange o núcleo urbano de Sinop e seu povoamento, a partir de 1972, eram, os primeiros moradores, aqueles “trabalhadores braçais que durante o dia pilotavam seus tratores e esteiras, cortavam as árvores em tábuas, traçavam as bases no chão das futuras casas que formavam este novo núcleo de povoamento”⁵⁸.

No/pelo discurso jornalístico, histórias que demonstram a difícil decisão de mudar para uma outra área assumem posições de destaque para retratar o êxito do projeto de colonização. A conquista da terra é personificada com moradores que progrediram. Em dois dos exemplos adiante, o texto jornalístico mescla elementos que justificam o porquê ser Sinop uma opção àqueles que desejassem conquistar a Amazônia: ser um espaço onde se poderia ganhar dinheiro, bem como propício à abertura de empresas, a exemplo de madeireiras.

Sinop é também a terra do brasileiríssimo Brasileiro, e de suas mitológicas proezas por este Brasil. Brasileiro do Carmo de Jesus é um sergipano risonho e esperto, gordinho que baixou para o Paraná e subiu para o Mato Grosso, em busca do dinheiro. Anos atrás, no Paraná, foi fazer a sua contabilidade, e viu que a fortuna ainda estava longe. Olhou o caderno e descobriu que tinha 25 contos no vermelho — isto é vida? Em 72, ele estava com este passivo, e mais oito bocas para manter — ele, a mulher e seis filhos. Em 75, ouviu falar de Sinop e achou que nada tinha a perder. As filhas é que não queriam seguir para lá, quando voltou dizendo que estava disposto a mudar de vida. O mínimo que elas falavam é que todos iam morrer de maleita. Ou que a onça não ia deixar um Carmo de Jesus para contar a história. Bem dizer, não tinha nem dinheiro para a gasolina. Não fosse seu bondoso amigo Chico Tiroteio, não teria chegado a Sinop⁵⁹.

Antes, muito antes o sr. Ritzmann passou a pensar no que fazer. Não, o negócio em que entrara não ia nada bem. Foi então que as serrarias locais

⁵⁶ O SINOPEANO, n. 22, jun. 1981. p. 03.

⁵⁷ O SINOPEANO, n. 22, jun. 1981. p. 01.

⁵⁸ PITOMBO-OLIVEIRA et al., 2013, p. 04.

⁵⁹ O SINOPEANO, n. 22, jun. 1981. p. 02.

queimavam sumariamente uma madeira chamada mescla. Ele pegou uma carga desta madeira e levou a Santa Catarina, para fazer um teste na indústria de um amigo. Podia ser melhor? A mescla foi comparada ao pinho brasileiro e ao cedro, na confecção de laminados. Em 79, o sr. Ritzmann iniciava a primeira indústria de laminados da região. Firms que compram as lâminas de sua fábrica já estão exportando o compensado produzido com a mescla.

E as serrarias de Sinop crescem. "Muitas delas — explica — estão montadas em instalações precárias, provisórias, montadas rapidamente. Mas já há projetos de empresas de Curitiba, Ponta Grossa, de montar em Sinop serrarias totalmente automatizadas⁶⁰.

Além de fixar um imaginário de Sinop terra onde a riqueza é gerada, o discurso jornalístico produz sentidos em torno de uma cidade nova, mas ao mesmo tempo economicamente ativa ("há projetos de empresas de Curitiba, Ponta Grossa, de montar em Sinop serrarias totalmente automatizadas"). Neste último excerto, a referência direta à atividade econômica da época assume posição central no discurso. Como aponta Philippsen⁶¹, o ápice da consolidação da atividade de indústria madeireira em âmbito da Amazônia Legal no Norte de Mato Grosso coincide com a década de 1980. Somente no ano de 1982, Sinop contava com 602 indústrias desse segmento em operação.

Segundo Santos⁶², as primeiras empresas do ramo foram implantadas em 1972, ano de fundação de Sinop, às margens da BR-163, mas apenas no ano de 1984, após o asfaltamento dessa rodovia federal, que a atividade tomou "um grande impulso". Entre os fatores que corroboraram para o avanço destacavam-se fator geográfico e a disposição próxima à BR-163, "a única via asfaltada que liga o centro norte de Mato Grosso a outras regiões do Brasil, facilitando o escoamento da produção durante o ano todo".

Como se observa na prática discursiva, O Sinopeano legitima o acontecimento da fundação de Sinop como necessário aos planos de desenvolver uma região como um todo. Essa cidade, como expressam os sentidos, porta-se tal qual um local onde se abrigam mitológicas proezas daqueles que trocaram seus Estados de origem e embarcaram na aventura. Foi para essa localidade onde muitos partiram em busca de dinheiro.

⁶⁰ O SINOPEANO, n. 22, jun. 1980. p. 02.

⁶¹ PHILIPPSEN, Neusa Inês. *Mídia impressa e heterogeneidade: as tonalidades discursivas da esfera da atividade madeireira na Amazônia Legal*. 2007. 126 f. Dissertação (Mestrado em Estudos de Linguagem)— Instituto de Linguagem da Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, 2007.

⁶² SANTOS, 2011, p. 113.

Como se pôde verificar, o jogo de repetições sobre a cidade ocorre a partir de práticas discursivas que, conforme Souza e Inácio⁶³ “vão sendo ressuscitadas e dando lugar a novas práticas, desenterrando objetos já conhecidos e dando existência a outros que só poderiam surgir naquele momento histórico”⁶⁴. Isso implica, no sentido discursivo, que um enunciado sobre a cidade surja em dado período histórico, sendo ele, e exatamente ele, colocado de maneira a situar-se ao contexto de produção.

Parafrazeando o dizer de Souza e Inácio, diremos que o desenterrar objetos já conhecidos corresponde a um retorno aos elementos históricos comumente associados à imagem de Sinop: criada a partir da colonização particular, aberta no auge da política brasileira de ocupação da Amazônia, busca e incentivo à migração, o estabelecimento de polos econômicos na região de floresta, a permanente procura por fontes de desenvolvimento econômico dentro da área. O retorno a tais elementos vai constituir uma narrativa que, independentemente da forma, apresenta uma natureza semelhante. Ou seja, como explica Mariani⁶⁵ ,“percebe-se que há uma memória fazendo retornar um mesmo processo de linguagem e história. O que muda são as situações enunciativas”⁶⁶.

Em se tratando de O Sinopeano, o processo de interpelação ao discurso desenvolvimentista e econômico também incide sobre a prática discursiva para dar sustentação à marca da colonização. Desenvolvimento econômico que, na conjuntura dessa publicação, tornou-se um dos principais temas a ser noticiado.

Se em 1980 e 1981 O Sinopeano deslocava-se em torno do plano de tornar a cidade conhecida, situando-a em relação ao restante do país, assim como demonstrado nas edições número 15 e 22, de outubro de 1980 e junho de 1981, respectivamente, mais tarde, naquele mesmo ano de 1981, a história da cidade passa a ser contada a partir de outra narrativa e cujo sentido designa a Sinop polo industrial. Tudo a partir do retorno ao acontecimento da criação da Sinop Agroquímica dentro da Gleba Celeste. Os assuntos ocupam destaque no noticiário jornalístico, sendo o tema principal trabalhado nos números 24, 25, 26 e 27.

⁶³ SOUSA, Kátia Menezes de. INACIO, Elissandro Martins. Os sentidos dos acontecimentos no jogo discursivo liderado pela mídia. In: 2º SEMINÁRIO DE ESTUDOS EM ANÁLISE DO DISCURSO, 2005, Porto Alegre. **Anais eletrônicos...**Porto Alegre: UFRGS, 2005. p. 01-15. Disponível em <<http://analisedodiscurso.ufrgs.br/anaisdosead/2SEAD/SIMPOSIOS/KatiaMenezesDeSousa.pdf>>. Acesso em: 20 maio. 2020.

⁶⁴ SOUZA; INÁCIO, 2005, p. 04-05.

⁶⁵ MARIANI, Bethania Sampaio Corrêa. *O Comunismo Imaginário: práticas discursivas da Imprensa sobre o PCB (1922 -1989)*. 1996. 278 f. Tese (Doutorado em Linguística)–Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas, Campinas, São Paulo, 1996.

⁶⁶ MARIANI, 1996, p. 118.

A Sinop Agroquímica corresponde ao complexo industrial inaugurado em 1981 para produzir etanol a partir de mandioca. Um dos investimentos realizados dentro da Gleba Celeste com a finalidade de reafirmar o discurso de progresso sobre Sinop. Conforme aponta Souza⁶⁷, quando em uma referência ao discurso que se constrói sobre Sinop, o progresso é muito presente e representado por elementos como economia e a industrialização. Isso significa conceber mecanismos que possibilitem o desenvolvimento dentro da área e a consequente fixação do migrante. As quatro edições anteriormente apresentadas traziam como manchetes:

Figura 04: Capa O Sinopeano, n. 24.



Fonte: O SINOPEANO, n. 24, ago. 1981.

Figura 05: Capa O Sinopeano, n. 25.



Fonte: O SINOPEANO, n. 25, set. 1981.

Figura 06: Capa O Sinopeano, n. 26.



67 SO
Sandr
Comu

REVI

Figura 07: Capa O Sinopeano, n. 27.



PPSEN, N.I; STRAUB,
oscópica. Recife: Pipa

ISSN: 2318-550

Fonte: O SINOPEANO, n. 27, nov. 1981.

A USINA ESTÁ EM FASE FINAL DE IMPLANTAÇÃO. PROSSEGUEM OS VÁRIOS TESTES NA DESTILARIA

Testes de produção, além dos que são feitos na área de estocagem de amido – Tancagem em ritmo final de montagem – A questão da segurança contra incêndio – Novo comando no “canteiro de obras”, agora, com o engenheiro Alberto Gontarski, diretor industrial da SAQ⁶⁸.

ALIMENTOS, ENERGIA CARBURANTE E BRASILEIROS MARCAM PRESENÇA NACIONAL NO CONTINENTE AMAZÔNICO.

Enio Pipino, presidente do Grupo SINOP, fala aos Estagiários da Escola Superior de Guerra, em Cuiabá - A visita feita aos empreendimentos sinopeanos na Amazônia – A usina dará apoio estratégico nacional, em energia carburante, à presença crescente dos fluxos migratórios vindos do Sul – Intensa fase de perguntas e debates⁶⁹.

SERÃO NECESSÁRIAS 250 MIL TONELADAS DE MANDIOCA PARA A PLENA CARGA DO FUNCIONAMENTO DA DESTILARIA

Isto representará nada menos do que 950 milhões de cruzeiros em circulação financeira no Município, somente com a mandiocultura – Os empregos na área agrícola envolverão perto de 3 mil pessoas – Uma frota de cerca de 50 caminhões para o transporte de raiz e lenha – As 60 toneladas de componentes orgânicos para os lavradores usarem nas suas culturas – Os 200 empregos na destilaria – Os benefícios decorrentes para o Município – A necessidade de aumentar-se o plantio de mandiocais⁷⁰ 26 1981

A MONTAGEM DA SAQ ESTÁ TERMINADA, VIRTUALMENTE, COM A PREVISÃO DE QUE TEREMOS ÁLCOOL EM NOVEMBRO

Os testes das linhas de vapor, linhas elétricas e de instrumentação foram bastante satisfatórios – Na área de preparação de amido, que já recebeu o “OK” da parte técnica, é possível processar de 200 a 300 toneladas de raízes diariamente – Enzimas armazenadas no “canteiro de obras” – A fase de

⁶⁸ O SINOPEANO, n. 24, ago. 1981. p. 01.

⁶⁹ O SINOPEANO, n. 25, set. 1981. p. 01.

⁷⁰ O SINOPEANO, n. 26, out. 1981. p. 01.

treinamento do pessoal está em rotina normal – Muito possível a produção de álcool em Novembro⁷¹.

A instituição da Sinop Agroquímica retornava aos objetivos do sistema Sinop de colonização. 1) abrir possibilidades para que brasileiros se fixassem na região; 2) produção de alimentos; 3) geração de energia carburante e 4) fazer com que os benefícios desse desenvolvimento econômico e social, na “fronteira nova”, fossem direcionados para esses pioneiros. Quatro pontos básicos da filosofia do grupo que motivaram o deslocamento para a região Amazônia.

De acordo com a publicação jornalística, a indústria se configurava como a maior do segmento em todo o país, constituindo-se “num módulo estrategicamente bem situado de geração de álcool carburante e podendo ser um positivo e eficaz ponto de sustentação”⁷² à resolução dos problemas da época. Sentidos que são retomados quando da intenção de relacionar a empresa à necessidade de estabelecer uma organização comercial para a área.

O Projeto de Colonização da SINOP que conta, agora, com a maior indústria de processamento de mandioca, no Brasil, para gerar álcool, passa a ter, também e grandemente, com o concurso da SUDAM, novas razões de fortalecimento advindo de técnicas próprias para a Amazônia, no que se refere não só à ocupação territorial, mas, também, determinando adequado uso da terra, das relações sócioeconômicas da zona rural, da natureza do homem que já participa deste trabalho e da adequada utilização da agroindústria. A SINOP sempre entendeu que, na Amazônia, a agroindústria teria papel preponderante ao abrir um rol de oportunidades com a redução do desperdício da absorção de mão de obra local; da organização da comercialização pelo fluxo, em volumes constantes, de produção e conseqüente regularização do transporte⁷³.

Como se denota na prática discursiva de O Sinopeano, a própria condição de existência da Sinop Agroquímica liga-se à necessidade de estabelecer o uso correto da terra. Ou seja, proporcionar fontes alternativas de produção agrícola naquela área recém-criada. Se no início de Sinop e ainda nos anos de 1974 as culturas do café, o guaraná e o arroz faziam-se como as principais para o núcleo urbano, com a efetivação de uma indústria, por sua vez, seria a mandioca a ocupar a posição de principal item agrícola da época.

⁷¹ O SINOPEANO, n. 27, nov. 1981. p. 01.

⁷² O SINOPEANO, n. 24, ago. 1981. p. 04.

⁷³ O SINOPEANO, n. 24, ago. 1981. p. 04.

Para reafirmar a imagem de Sinop enquanto uma “metrópole econômica”⁷⁴, as práticas discursivas em torno da Sinop Agroquímica são recuperadas. Construídas de formas diferentes, porém, retomando o sentido de a empresa como fator de desenvolvimento dentro da área colonizada, como demonstram previamente as edições 25 e 26 de O Sinopeano. Para que Sinop seja representada como polo é preciso recorrer à necessidade de se criar uma indústria capaz, entre outras coisas, de servir como um instrumento de atração de novos migrantes.

Os adjetivos estão multiplicando-se. “A Usina está um assombro”. Uma “verdadeira beleza”. “É impressionante a obra”. Uma luta de tantos anos é realidade, agora”. “O fantasma das distâncias, na Amazônia, que poderia inviabilizar sua ocupação pelos brasileiros diante do preço do petróleo, não mete medo em ninguém, depois da usina da SINOP”⁷⁵.

Nenhum Projeto de Colonização, no Brasil, tem um empreendimento industrial dessa envergadura. Ele visa a tornar possível a que fluxos migratórios brasileiros se fixem nessas extensões continentais que têm, diante da ascensão contínua dos preços do petróleo, uma terrível agravante sócio-econômica a dificultar, enormemente, o próprio fenômeno da ocupação da Amazônia. [...] Este é um dos grandes trunfos que a SINOP tem no quadro de suas melhores possibilidades colonizatórias no norte mato-grossense⁷⁶.

Nas publicações de O Sinopeano que se seguiram, a representação de Sinop no/pelo discurso jornalístico trata da cidade que “vai transformar-se no ‘grande polo’ da região setentrional do Mato Grosso”⁷⁷, o local onde “o álcool na conquista amazônica – o modelo Sinop no Mato Grosso”⁷⁸ mostrou-se fator decisivo para promover desenvolvimento à cidade e região, complementado pelas “vantagens da expansão da mandiocultura”⁷⁹ enquanto fator de desenvolvimento dos “aspectos agrícola, industrial e econômico”⁸⁰.

Na cena discursiva, as manchetes das edições 47, 49 e 52 vão produzir uma coerência em torno do projeto de Sinop, colocando-o como estável e uma realidade construída pelo discurso. Neste interim, o mesmo discurso, quando acolhido pelo sujeito residente logo

⁷⁴ O SINOPEANO, n. 24, ago. 1981. p. 03.

⁷⁵ O SINOPEANO, n. 25, set. 1981. p. 03.

⁷⁶ O SINOPEANO, n. 26, out. 1981. p. 01.

⁷⁷ O SINOPEANO, n. 47, jun. 1983. p. 01.

⁷⁸ O SINOPEANO, n. 49, ago. 1983. p. 01.

⁷⁹ O SINOPEANO, n. 52, nov. 1983. p. 01.

⁸⁰ O SINOPEANO, n. 52, nov. 1983. p. 01.

passará a funcionar como verdadeiro, pois, conforme Foucault⁸¹, os tipos de discurso que cada sociedade acolhe os faz funcionar como verdadeiros.

Encaminhando-se para o final desta discussão, O Sinopeano, edições 47, 49 e 52, converge em torno da representação do otimismo e potencial da área, as transformações geradas pelo progresso e que se apresentam sob a forma da chegada da telefonia, surgimento de empresas como veículos de comunicação, bem como a criação de um mercado ativo, certo e seguro a partir da Sinop Agroquímica. A SAQ adquire sentido de pioneira.

Em O Sinopeano, “fatos reais estão provando a cada dia o surto de desenvolvimento da área”⁸² recuperam sentidos de melhorias realizadas em âmbito cidade até aquele período. Isto é, da fundação em 1972 ao ano de 1983, quando a edição número 47 foi ao ar e tratou de apresentar tal cenário ao leitor. Desde este período, no discurso jornalístico que permeia o folhetim, Sinop é tratada como uma cidade regional.

⁸¹ FOUCAULT, Michel. Verdade e poder. In: FOUCAULT, Michel. *Microfísica do Poder*. São Paulo: Edições Graal, 2018. p. 35-54.

⁸² O SINOPEANO, n. 47, jun. 1983. 01.

Figura 08: Capa O Sinopeano, n. 47.



Fonte: O SINOPEANO, n. 47, jun. 1983.

Figura 09: Capa O Sinopeano, n. 49.



Fonte: O SINOPEANO, n. 49, ago. 1983.

Figura 10: Capa O Sinopeano, n. 52.



Fonte: O SINOPEANO, n. 52, nov. 1983.

Em O Sinopeano, retoma-se ao episódio da colonização e fundação, em 1972, para estabelecer paralelos entre o ontem e o hoje, fazendo o contraponto entre a vila perdida em

meio à floresta e o espaço que conta com os avanços da modernidade (telefone e serviço de DDD, instalação de rádio, televisão)⁸³.

O potencial dá área

Fatos reais estão provando a cada dia o surto de desenvolvimento da área, registrando-se perspectivas muito otimistas em relação ao progresso não somente de SINOP, mas, igualmente, dos Municípios que recebem a sua influência. Vamos arrolar alguns dos principais acontecimentos ocorridos, somente, no mês de Junho, para comprovar nossa afirmativa de que o centro do progresso da parte norte estadual se situa em SINOP⁸⁴.

Do zero ao ponto final

Abrimos picadas na selva em fins de 1972. Ao término de 1979, foi instalado o Município SINOP e criada a Diocese local. Em 1980, S. Excelência o Senhor Presidente João Figueiredo, acompanhado por Ministros de Estado, visitou a área, a partir do que passamos a contar com um sistema de comunicações, vale dizer, telefone urbano e serviço de DDD, além de instalação de uma Rádio F.M. e Televisão. A população local, que recebia a mensagem de emissoras da Venezuela, Holanda, Estados Unidos, Cuba, Argentina e, precariamente, de uma rádio de Goiânia, passou a receber informações brasileiras que, agora, foram ampliadas através da inauguração da Rádio "Celeste" Ltda⁸⁵.

A economia de SINOP e, por via reflexa, em toda a parte do norte do Mato Grosso, começou com a atividade agrícola e de eminente sentido pioneiro. Ora, criando-se, através da SAQ, um "mercado cativo, certo e seguro" para o consumo de um bem agrícola fácil de plantar e que está arraigado ao hábito de nosso lavrador, a SINOP garantiu, com absoluta certeza, que os lavradores poderiam produzir até 365 mil toneladas-ano de mandioca (nesta primeira fase da usina). Isto significa trabalho para muita gente, circulação de riqueza proveniente da venda da produção, além de outras vantagens⁸⁶.

Os sentidos construídos atribuem ao município também de Sinop seu papel de “pioneiro”, pois foi nesta localidade onde se estabeleceram novos marcos comerciais e econômicos para a área de colonização: abertura de uma indústria para a produção de biocombustíveis destinados ao atendimento de um “mercado cativo, certo e seguro”⁸⁷; a oferta de condições para que o colono sobrevivesse na área, a partir do plantio de culturas que pudessem ser fornecidas à Sinop Agroquímica e servissem como insumos para a produção de

⁸³ O SINOPEANO, n. 49, ago. 1983, p. 02.

⁸⁴ O SINOPEANO, n. 47, jun. 1983, p. 01.

⁸⁵ O SINOPEANO, n. 49, ago. 1983, p. 02.

⁸⁶ O SINOPEANO, n. 52, nov. 1983, p. 02.

⁸⁷ O SINOPEANO, n. 52, nov. 1983, p. 02.

etanol de mandioca (“garantiu, com absoluta certeza, que os lavradores poderiam produzir até 365 mil toneladas-ano de mandioca”⁸⁸).

Considerações Finais

Nesta pesquisa, observou-se o funcionamento discursivo do jornal O Sinopeano, refletindo sobre os efeitos de sentidos que se instauraram a partir da discursividade jornalística. Ao mesmo tempo em que atuou na produção de efeitos de verdade sobre o projeto de colonização, a publicação jornalística construiu discursivamente um imaginário acerca de Sinop, município recém-fundado. O trabalho foi emoldurado pela teoria de Michel Foucault⁸⁹, com especial atenção ao discurso⁹⁰, efeitos de verdade construídos no/pelo discurso, dialogando com Mariani⁹¹ e Gregolin⁹², acerca do discurso jornalístico.

Para as análises, recorreu-se à observação do jornal O Sinopeano dos anos de 1980 (edição 15), 1981 (edições 22, 24, 25, 26 e 27) e 1983 (47, 49 e 52), por meio do qual a perspectiva histórico-ideológica e discursiva da fundação Gleba Celeste, hoje Sinop, foi apresentada.

A partir do trajeto percorrido, O Sinopeano construiu representação, por meio do discurso, de uma Sinop ligada à saga de conquista da imensidão da Amazônia brasileira, produzindo sentidos em relação à cidade como um espaço para o trabalho e a conquista. Os efeitos de verdade produzidos, as reatualizações e reproduções dos sentidos sobre esse espaço vão operar como (re)atualizações de memórias do dizer e que se dão no jogo entre o silenciamento e o jornalismo como arquivo, uma memória institucionalizada, que remete ao que deve ser dito, circulado, lembrado.

À luz dos enunciados observados, para produzir sentidos sobre Sinop, o jornal empresarial retorna ao episódio de fundação da Gleba Celeste e do processo de colonização

⁸⁸ O SINOPEANO, n. 52, nov. 1983, p. 02.

⁸⁹ FOUCAULT, Michel. Verdade e poder. In: FOUCAULT, Michel. *Microfísica do Poder*. São Paulo: Edições Graal, 2018. p. 35-54.

⁹⁰ FOUCAULT, Michel. A arqueologia do saber. Trad. Luiz Felipe Baeta Neves. 7. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

⁹¹ MARIANI, Bethania Sampaio Corrêa. Os primórdios da imprensa no Brasil: de como o discurso jornalístico constrói memória. In: ORLANDI, Eni (Org.). *Discurso Fundador: a formação do país e a construção da identidade nacional*. 3. ed. Campinas: Pontes, 2003. p. 31-42.

⁹² GREGOLIN, Maria do Rosário. A mídia e a espetacularização da cultura. In GREGOLIN, Maria do Rosário (Org.). *Discurso e mídia: a cultura do espetáculo*. São Carlos: Claraluz, 2003. p. 09-20.

⁹² GREGOLIN, 2003, p. 12.

da região interligando esses acontecimentos a partir do discurso de base empresarial. Na perspectiva discursiva, a história de fundação do projeto empresarial também se liga diretamente à atração do migrante àquela região, sendo as duas centrais na publicação jornalística.

Pelo efeito que constrói, O Sinopeano, a serviço da colonização, operou discursivamente na construção de um imaginário de uma terra propícia à ocupação, ao estabelecimento da atividade empresarial e apta ao recebimento do migrante.